

# JAMB CULTURA

Este caderno é parte do *Jornal da Associação Médica Brasileira (JAMB)* – Coordenação: Jane Maria Cordeiro Lemos

Bimestral novembro/dezembro de 2014 – nº 30



**Dan Ferreira de Mendonça** é médico otorrinolaringologista, nascido em Vitória (ES), em 27 de fevereiro de 1957. Formado em medicina pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em 1981, tem residência em Otorrinolaringologia pelo Instituto de Otorrinolaringologia de Minas Gerais. Realizou uma série de exposições individuais e coletivas em salões universitários da Ufes, durante o período de 1974 a 1996, tendo obtido prêmios nas categorias de pintura e desenho. Em 2009, lançou o livro *Pés no chão e a cabeça nas nuvens*, que conta sua trajetória como artista plástico, construtor de instrumentos musicais de corda e percussão, e de instrumentos cirúrgicos para laringe. Na obra, ele narra como manteve a atividade de pintura e escultura, em paralelo à concepção de instrumentos cirúrgicos e musicais e ao desempenho da medicina.

Autor: **Dan Ferreira de Mendonça**  
Obra: **sem título**  
Dimensões: **75 x 35 x 30cm**  
Técnica: **aço fosfatizado**  
Ano: **1991**  
Acervo: **pessoal**

## boa leitura

É com grande satisfação que anunciamos os vencedores do II Concurso Nacional de Contos e Crônicas da AMB (veja na p. 240 a relação dos colegas vencedores), cujas obras serão publicadas aqui em 2015.

No mês de outubro, de 31 a 14 de novembro, o nosso departamento também concretizou a IV Viagem Cultural da AMB, tendo como destino o México e sua riquíssima cultura, marcada especialmente pelas encantadoras civilizações maia e asteca. Na próxima edição, publicaremos mais detalhes dessa viagem.

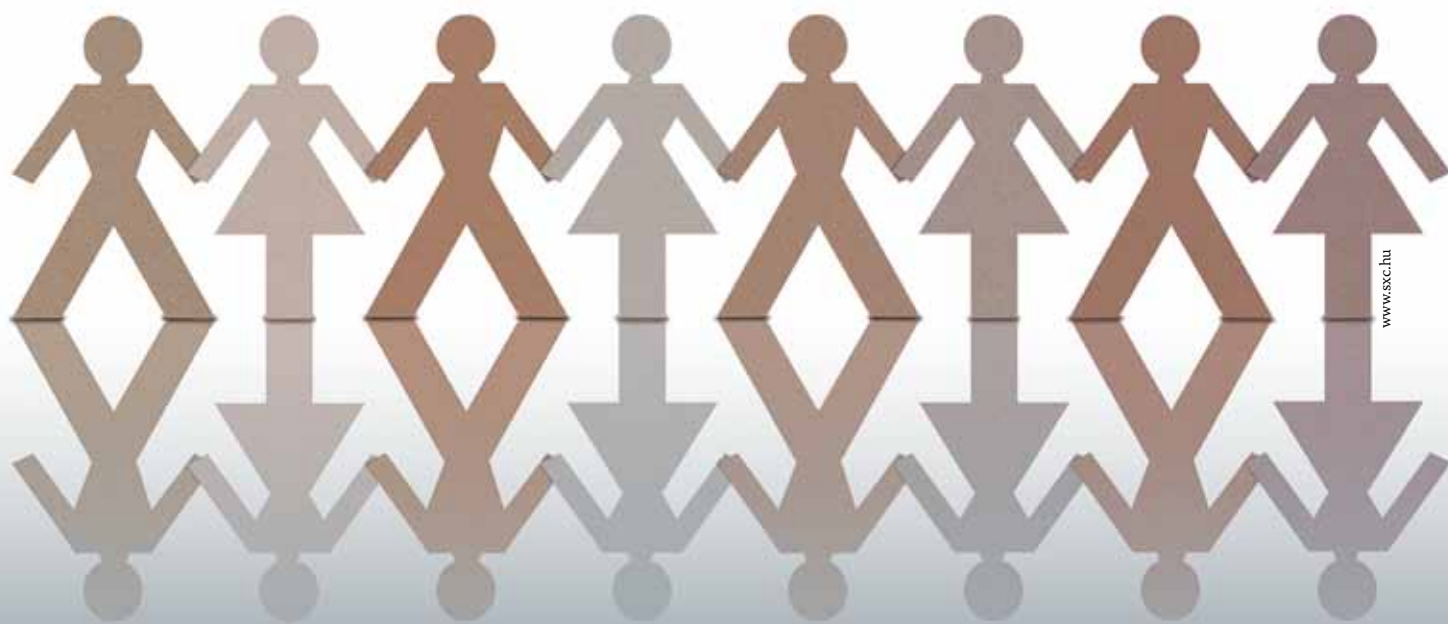
Também gostaríamos de destacar a arte do otorrinolaringologista capixaba Dan Ferreira de Mendonça, que trabalhou o aço fosfatizado, resultando na obra publicada nesta página. Na seção história da medicina brasileira, Mário V. Guimarães aborda o velho dilema: Ordem dos Médicos ou Conselho de Medicina?

A crônica “A vida como ela poderia ser” é de Roberto P. A. Pereira, pediatra de Vitória (ES), enquanto o conto “O renascer da esperança” tem como autor Sérgio Pandolfo, de Belém (PA). As obras “Natal”, de Hélio Begliomini, urologista de São Paulo; “Cores”, do cirurgião plástico de Ribeirão Preto Carlos Roberto Ferriani e “Entardecer”, de Walter W. Harris, ortopedista da capital de São Paulo, ocupam o Espaço Poético.

Aproveitamos para desejar a todos os nossos leitores boas-festas e que o ano de 2015 seja repleto de alegrias. Boa leitura!

**Jane Maria Cordeiro Lemos**  
Diretora Cultural da AMB  
Psiquiatria  
Recife, PE

# Um velho dilema: Ordem ou Conselho?



‘Ordem dos Médicos’ ou ‘Conselho Federal de Medicina’? Embora já tenhamos feito essa opção há 68 anos, vigente desde setembro de 1945, com o estabelecimento do Decreto-Lei n. 7.955 – que criou os Conselhos de Medicina e sepultou o desejo de uma grande parcela de profissionais que defendiam a criação de uma ‘Ordem’ –, o assunto ainda é discutido, pois há no Brasil uma grande parcela da classe médica que não se conformou. Recentemente, por exemplo, em reunião interestadual da Academia Pernambucana de Medicina, um dos representantes fez uma empolgante defesa pela criação da Ordem. Como escrevo, também, para colegas mais jovens, faço aqui uma breve revisão dessa disputa, uma verdadeira batalha jurídica que durou vários anos.

É antiga, no Brasil, a luta por um órgão unificado e disciplinador do exercício da profissão médica. Na época pós-independência, em alguns estados, já existiam movimentos nesse sentido, como em Pernambuco, em que se propunha, em 1840, congregar e regulamentar a classe. Em seguida, com o aparecimento dos órgãos sindicais, os movimentos se intensificaram – sempre cautelosos e pautados em princípios éticos, morais e disciplinares – e culminaram na criação, em várias regiões do país, de Conselhos de Disciplina, Comissões de Ética Profissional ou, ainda, de Deontologia (a exemplo do Rio de Janeiro, em 1931).

Em 1936, foi lançado, no Rio Grande do Sul, o projeto de criação, na Câmara, da Ordem dos Médicos do Brasil (OMB), cuja primeira cláusula dizia: “A OMB é o órgão de seleção e disciplina da classe médica no país, tutelar dos seus direitos e interesses morais e econômicos”. Esse projeto não agradou aos órgãos regionais, pois ia de encontro, principalmente no aspecto financeiro, com os interesses dos sindicatos, que eram muito poderosos na época, e acabou sendo arquivado.

Uma segunda tentativa, de origem ministerial, com os mesmos objetivos, porém com outra linguagem, também foi logo rejeitada. No período entre 1951 e 1952, ainda houve uma terceira tentativa na Câmara dos Deputados de restaurar projetos já recusados, mas sem êxito.

Graças a um decreto-executivo de julho de 1946, assinado pelo presidente Eurico Gaspar Dutra, foi concebido o Conselho Federal Provisório de Medicina, composto por 28 membros indicados pela Federação dos Sindicatos Médicos do Brasil. Eles enfrentariam tempos árduos no exercício de suas atividades, face à perseverança dos opositores, que foi o que, evidentemente, adiou por cerca de 5 anos a obtenção de resultados concretos.

Foi quando lideranças locais de quatro estados decidiram instalar conselhos regionais próprios, condicionando, finalmente, a constituição do primeiro Conselho Federal de Medicina (CFM), do qual foram membros efetivos: Álvaro Tavares de Souza, Augusto Marques Torres, Nilton Salles, Raul Jobim Bittencourt, Arlindo Raimundo de Assis, Deolindo Augusto Nunes Couto e Lafayette Silveira Martins Rodrigues Pereira. A posse solene ocorreu no dia 24 de junho de 1952 e, desde o início, o Conselho apresentou um excelente desempenho de suas atribuições, obtendo pleno alcance de seus objetivos. Convém lembrar que os estados pioneiros foram: Ceará, em 13 de novembro de 1951; Distrito Federal, em 25 de novembro de 1951 (hoje, Rio de Janeiro); Pará, em 15 de abril de 1952, e Rio Grande do Sul, em 16 de maio de 1952.

Consolidou-se, então, via Congresso, a vitória dos defensores do Conselho Federal e Conselhos Regionais, por meio da Lei n. 3.268 de 30 de setembro de 1957, que reafirmou sua constituição, após anos de debates, conferindo autonomia à classe e subordinando-a unicamente ao exercício e ao respeito da ética médica, conforme profere o Art. 2º: “O Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Medicina são os órgãos supervisores da ética profissional em toda a República e, ao mesmo tempo, julgadores e disciplinadores da classe médica, cabendo-lhes zelar e trabalhar por todos os meios ao seu alcance pelo perfeito desempenho ético da medicina e pelo prestígio e conceito da profissão que a exercem.” Somente no dia 19 de abril de 1958, a Lei conseguiria a assinatura presidencial.

Foram vários anos de luta, avanços e recuos, apoios e protestos, mas os princípios profissionais foram respeitados. No entanto, não podemos nos descuidar, pois ainda existem no Brasil vários focos simpatizantes da Ordem dos Médicos. Algum dia, eles voltarão a agir, mesmo com o exemplo de correção, competência e dignidade que os diversos administradores do CFM e dos Conselhos Regionais estabeleceram, por todos esses anos, no desempenho de suas funções.

Aos colegas que se interessarem por mais detalhes, recomendo o livreto *História da criação dos Conselhos de Medicina* (edição do Departamento de Imprensa Nacional, RJ, 1971), de autoria de Álvaro Tavares de Souza, que foi, inclusive, um dos participantes dessa saga.

**Mário V. Guimarães**  
Ginecologia  
Recife, PE

# A vida como ela PODERIA SER

Mais um dia de sol. Acordo pela manhã com uma preguiça no corpo, um sorriso na alma. Antes de levantar da cama, sou surpreendido por um beijo amigo do meu filho, impulsionado por sua saudade sentida no seu tempo imaginário.

O cheiro de café fresco impregna o ambiente. Na mesa, o pão quentinho é saboreado com calma e carinho, fazendo o meu desjejum. O jornal chega pelas mãos do porteiro, anunciando a manchete do dia.

Bem, estou pronto para mais uma caminhada matinal. Na rua, revejo os companheiros que, como eu, procuram manter o vigor físico, os corpos em forma, tentando o que parece impossível: frear o desgaste do tempo. Após uma hora, estou com o corpo suado, cansado, porém, com um enorme bem-estar. No banho, a água caindo delicadamente no meu corpo traz a lembrança das carícias da mulher amada, dos momentos de êxtase, em que toda a sua feminilidade desabrochou ao meu toque.

Doutor! Doutor! Tem uma criança para atender!

Pô, o sonho acabou! O sacerdócio me chama. Viva a pediatria!

**Roberto Passos do Amaral Pereira**

Pediatria  
Vitória, ES

# O renascer da esperança

O exercício regular da medicina é um permanente aprendizado. Por mais dilatado que seja o tirocínio do profissional, nunca atingirá ele a plenitude do saber.

Em nossa, já bem alongada, atividade em cirurgia e ginecologia, tivemos a oportunidade de atender, há poucos anos, uma paciente encaminhada por um colega militante do cenário político local (trazia um bilhete). A mesma já havia sido “desenganada” no tratamento de seu mal em três grandes hospitais de Belém, visto tratar-se de pessoa idosa, em mau estado geral, apresentar lesões de grande complexidade terapêutica, além de, é claro, sofrer de extrema pobreza financeira, o que agravava seu infortúnio.

Era uma senhora de 83 anos, cabisbaixa, desgredada, psicologicamente arrasada, debilitada fisicamente e mutilada em sua genitália – patologicamente exteriorizada, pois sofria, havia muitos anos, de prolapso genital (útero caído, na linguagem popular). Em escassas e fugidias palavras, ela nos relatou sua desdita, resumida a seguir.

Moradora de uma das remotas e quase intocadas brechas de nosso vasto *hinterland*, valia-se à guisa de sanitário, para satisfação das necessidades fisiológicas da família, tão-somente, de um buraco cavado nos fundos do terreno, parcialmente recoberto com peças de madeira e cercado por paredes de palha trançada. Necessidades, adiante-se (e quem não imagina?), sempre cumpridas sob assédio inclemente de uma profusão de moscas e mosquitos. Assim, é fácil entender por que, em uma das “visitas ao banheiro”, nossa paciente teve sua genitália (pendente, como já dissemos, pelo prolapso) utilizada pelas moscas para postura de ovos, que geraram larvas (míiase ou, popularmente, bicheira) de grande poder destrutivo, as quais, literalmente, comeram grande parte da parede anterior da vagina e da bexiga (que lhe fica subposta), e toda a uretra. Como é fácil deduzir, além da dor e do desconforto, isso resultou na perda permanente e contínua do controle da urina.

Os bichos (larvas) foram eliminados (pelos “entendidos”) com creolina em solução aquosa. Submetemos a paciente a uma extensa e melindrosa operação para reparo das graves le-

sões, e tivemos que retê-la no hospital por uma longa permanência (cerca de dois meses). Isso, porque seus familiares, em Belém com ela, não se importavam, nem se dispunham a atender as necessidades higiênicas e terapêuticas indispensáveis em sua convalescença. Ela só foi liberada após a cicatrização bem estabelecida das feridas cirúrgicas.

O caso relatado constitui um evento patológico raríssimo, pela extensão e localização das lesões. Tão raro, que não encontramos, em extensa pesquisa – a qual procedemos junto a colegas de grande experiência do Brasil inteiro e por meio da Rede Médica Mundial de Informática (Medline) –, nenhum caso semelhante. Publicamos nossa experiência em revista médica nacional, indexada à rede informatizada. Mais tarde, ela constituiria um capítulo de livro especializado na área de Ginecologia e Obstetrícia. Corrido o tempo, nossa cliente voltou para consulta de revisão, após um ano, e desse encontro nunca mais esqueceremos. Estava, diante de nós, uma outra pessoa. Alegre, sorridente, solícita às perguntas, bem composta (mesmo trajando modesta indumentária), relativamente bem nutrida e completamente recuperada das lesões de que fora padecente, Sagica até brincou conosco: “Doutor, agora eu e meu velho estamos numa boa.”

Esse caso possibilitou não somente a contribuição para a plena recuperação e satisfação de um ser humano, que já não tinha mais objetivos na vida ou esperança de remissão de seus males, mas, também, a divulgação dos procedimentos da ocorrência clínica em revista médica indexada à rede mundial especializada e em livro-texto, para uso de estudantes e profissionais da área. Ou seja, conferiu-nos o poder de prestar um inestimável apoio aos colegas jovens ou interessados, que dele tomarem conhecimento, auxiliando-os na conduta frente a casos semelhantes.

Essa foi, sem dúvida, uma das maiores satisfações que sentimos ao longo de toda a nossa dedicada e diuturna atuação como discípulos de Hipócrates! Algo que não tem paga, mas tampouco se apaga.

**Sérgio Pandolfo**  
Cirurgia e Tocoginecologia  
Belém, PA

# N A T A L

Noite de ternura  
Noite de amor  
Despojado numa manjedoura,  
nasceu-nos o redentor!

Manso, humilde e pobre  
trouxe-nos a libertação.  
Egoísmos, injustiças, pecados e desamores  
teriam antídotos superiores.

Paradoxalmente, comemora o mundo ingrato:  
Comilanças, bebedeiras e tim-tins...  
Luzes, árvores, papais-noéis e consumo fausto:  
guizos falsos de uma retribuição ruim.

Querido Jesus menino! Debalde  
ardoroso missionário divino. Consternação,  
pois transfigurastes a semelhantes seus  
– crentes, que se comportam como ateus.

# C O R E S

Crio flores.  
Cores fugazes.  
Lilases, que trocam sabores,  
Amores passados de outros carnavais.  
Residuais de vida de ontens, enquanto fontes.  
Adoço vermelhos.  
Espelhos de sangue.  
Exangue, partem solitários,  
Os corações sofridos de saudade.  
Tarde por perdas de contos, desencontros.  
Tons amarelos.  
Elos das correntes.  
Entre mãos dadas ao sol,  
Girassol de novas e doces manhãs.  
Balangandãs chacoalham poesias, grãos das vias.  
Flor, lua azul,  
Sul da minha solidão,  
Decepção pelas carências,  
Vivências do sonho, dos encantos,  
Quebrantos debulham amores, eis que crio flores.

**Carlos Roberto Ferriani**  
Cirurgia Plástica  
Ribeirão Preto, SP

**Hélio Begliomini**  
Urologia  
São Paulo, SP

# Entardecer

Para trás, ficou a semana,  
De labuta cansativa, fugaz,  
Levando solidariedade humana,  
Com ternura e conhecimento capaz.

Solidão!

Agora o lar me recebe,  
Com companhia, música e calor.  
A solidão não mais me persegue  
Nem um pouco de meu prévio pavor.

Chuva!

Refletido sobre o vidro, uma gota  
Pela luz parca que emana do céu,  
A chuva escorrendo marota  
Escoa pelas galerias, sem véu.

Cheiro!

O aguaceiro cessa de repente,  
E o dia engatinha ao poente.  
De minha rede, o cheiro se sente  
Do gramado molhado sedente.

Noite!

A estrela d'alva vem brilhar,  
Anunciando o então entardecer.  
Da noite que está para chegar  
E do novo dia nem se pode prever.

Nostalgia!

A solidão não é só a culpada  
O cheiro da chuva reconhecer  
Nostalgia nessa poesia malfadada  
Deixa, então, a noite transparecer...

**Walter Whitton Harris**  
Ortopedia  
São Paulo, SP

## AMB divulga os ganhadores do III Concurso de Crônicas e Contos

Foram definidos os vencedores do III Concurso de Crônicas e Contos da AMB. Na categoria crônicas, o ganhador foi Hermes Bernardi, clínico-geral da cidade Ouro Fino (MG), com o texto “Tem gringo no samba.” O segundo lugar foi para o texto “O peru de Natal”, de Ildo Simões, médico de Salvador (BA). Ficaram empatadas, na terceira colocação, as crônicas “Reencontro”, do pediatra José Hugo Lins Pessoa, de São Paulo (SP), e “Felicidade, mesmo fugaz, ainda será”, de autoria do cirurgião torácico José J. Camargo, de Porto Alegre (RS). Na quarta colocação, ficou a crônica “Não hoje”, do toco-ginecologista pernambucano Marcelo M. S. Lima, e, em quinto lugar, a crônica “Meu prontuário médico”, cujo autor é Silvio Luiz Carrara, médico intensivista de Campinas (SP).

Na categoria contos, o vencedor também foi o médico mineiro Hermes Bernardi, com a obra “Raios e

trovões.” O segundo lugar foi conferido ao texto “Afeito entre aspas”, escrito pela psiquiatra Elisabeth Maria Sene Costa, de São Paulo (SP); e o terceiro, ao conto “Fim dos tempos”, de Ildo Simões, médico fiscal de Salvador (BA). Os contos “Metamorfose”, do toco-ginecologista cerarense Raimundo de Araújo Bastos Jr., e “O homem e a chuva”, da gastroenterologista de São Paulo (SP) Neide M. de Assunção Matsumoto, ocuparam a quarta e a quinta colocações, respectivamente.

Os vencedores receberão certificados e terão suas obras publicadas nas edições do *Jamb Cultura* no decorrer de 2015. A comissão julgadora foi composta por Guido A. Palomba (SP), Carlos Davi Bichara (PA), Murillo R. Capella (SC), Armando José C. Bezerra (DF) e Arnóbio Moreira Félix (MG).

“Quero felicitar os classificados pela qualidade dos trabalhos e ratificar que daremos sequência a esse concurso, criado pela diretoria anterior, e a outras ações que visem ao aprimoramento cultural dos nossos associados”, afirmou Jane Cordeiro Lemos, recém-empossada diretora Cultural da AMB.

### COLABORAÇÃO

O *Jamb Cultura* é um espaço aberto que estimula a produção literária e valoriza as manifestações culturais do Brasil. Para isso, convidamos os médicos a enviar artigos, crônicas, poesias, textos sobre cultura e história da medicina para o Conselho Editorial.

A/C Jane Maria Cordeiro Lemos (Diretora Cultural)  
Rua São Carlos do Pinhal, 324, Bela Vista – São Paulo, SP  
CEP 01333-903

Ou pelo e-mail: [cultural@amb.org.br](mailto:cultural@amb.org.br)

#### Participe e coleciona!

#### Normas para publicação de artigo no *Jamb Cultura*

1. Ser médico(a) associado(a) à Associação Médica Brasileira pela Federada de sua região.
2. Enviar texto de aproximadamente uma lauda (2.100 caracteres com espaço), na fonte Arial 12.
3. Se houver fotografias, favor identificá-las, colocar o crédito e enviar em 300 dpi, à parte (anexada ao e-mail ou em CD, ou *pen-drive*).
4. O material será apreciado pelos membros do Conselho Editorial antes de sua publicação.
5. Ao enviar ao Conselho, informar autorização de publicação.
6. Assinar o artigo com: nome, especialidade, cidade, estado e endereço para correspondência.

#### JAMB CULTURA

Edição Bimestral | Novembro e Dezembro de 2014  
[www.amb.org.br](http://www.amb.org.br) | [cultural@amb.org.br](mailto:cultural@amb.org.br)

**Presidente:** Florentino de Araújo Cardoso Filho

**Coordenadora e Diretora Cultural:** Jane Maria Cordeiro Lemos

**Diretor de Comunicações:** Diogo Leite Sampaio

**Diretor de Marketing:** Carmelo S. C. Leão Filho

**Conselho Editorial (2014-2017):** Antônio Roberto Batista (Campinas/SP – região Sudeste)

Armando José China Bezerra (Brasília/DF – região Centro-oeste)

Arnóbio Moreira Félix (Belo Horizonte/MG – região Sudeste)

Carlos David Araújo Bichara (Belém/PA – região Norte)

Gilson Barreto (Campinas/SP – região Sudeste)

Giovanni Guido Cerri (São Paulo/SP – região Sudeste)

Guido Arturo Palomba (São Paulo/SP – região Sudeste)

Hélio Barroso dos Reis (Vitória/ES – região Sudeste)

José Luiz Gomes do Amaral (São Paulo/SP – região Sul)

Murillo Ronald Capella (Florianópolis/SC – região Sul)

Roque Andrade (Salvador/BA – região Nordeste)

Yvonne Capuano (São Paulo/SP – região Sudeste)

**Editor Executivo:** César Teixeira

#### Editora Manole

**Editor gestor:** Walter Luiz Coutinho

**Editora:** Karin Gutz Inglez

**Produção editorial:** Fernanda Quinta, Juliana Penna, Cristiana Gonzaga S. Corrêa e Juliana Moraes

**Projeto gráfico e diagramação:** Sopros Design

**Tratamento de imagens:** Sopros Design



O *Jamb Cultura* somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Médica Brasileira, nem da Editora Manole.